

O MALABARISMO DE PESCADA E MATRINXÃ PARA ACOMPANHAR A 1ª FEIRA DE CIÊNCIAS ESCOLAR NO BAIXO RIO BRANCO-RORAINÓPOLIS-RR

THE JUGGLING OF PESCADA AND MATRINXÃ TO ACCOMPANY THE 1ST SCHOOL SCIENCE FAIR IN THE LOWER RIO BRANCO-RORAINÓPOLIS-RR

EL MALABARISMO DE PESCADA Y MATRINXÃ PARA ACOMPAÑAR LA 1ª FERIA DE CIENCIAS ESCOLARES EN EL BAJO RÍO BRANCO-RORAINÓPOLIS-RR

Maria Clelia Pereira da Costa¹

Resumo: Esse artigo apresenta o malabarismo das coordenadoras pedagógicas para acompanhar a Feira de Ciências no baixo rio Branco. Base teórica Tardif (2002) e Nóvoa (2002). Os resultados apontam para a dificuldade dos professores em trabalhar com projetos científicos.

Palavras-chave: Feira de ciências; coordenação pedagógica; educação ribeirinha.

Abstract: This article presents the juggling of the Pedagogical Coordinators to accompany the Science Fair on the lower Branco river. Theoretical basis Tardif (2002) and Nóvoa (2002). The results point to the difficulty of teachers in working with scientific projects.

Keywords: Science fair; pedagogical coordination; ribeirinho education.

Resumen: Este artículo presenta el malabarismo de los Coordinadores Pedagógicos para acompañar la Feria de Ciencias en el bajo río Branco. Base teórica Tardif (2002) y Nóvoa (2002). Los resultados apuntan a la dificultad de los profesores para trabajar con proyectos científicos.

Palabras clave: Feria de ciencias, coordinación pedagógica, educación de riverside.

Introdução

Na Amazônia roraimense, região do baixo rio Branco no Estado de Roraima, município de Rorainópolis, existe uma estreita relação dos povos ribeirinhos com as águas dos rios Anauá, Jauaperi, Branco, Catrimani, Negro e outros. Seus remansos, igapós, igarapés, paranás, lagos, ilhas, são um convite para quem aprecia a natureza exuberante desse lugar. Um convívio maciço com a fauna e a flora dessa região longínqua e desconhecida do restante do país.

Nesse sentido, o objetivo desse artigo é apresentar o malabarismo de duas Coordenadoras Pedagógicas da Secretaria Municipal de Educação de Rorainópolis para acompanhar os projetos de pesquisa e a realização da 1ª Feira de Ciências Escolar das instituições do baixo rio Branco, rio Negro e Jauaperi. Evento realizado entre julho e outubro de 2019. A 1ª Feira de Ciência Escolar-FCE aconteceu em todas as escolas da rede (campo, rural, ribeirinha e urbana), nos mais distantes lugares nos confins da Amazônia Roraimense, foi pré-requisito para participar da 1ª Feira de Ciência Municipal de Rorainópolis-FCMR, que aconteceu em dezessete de outubro de dois mil e dezenove.

Como profissionais da Rede, é de responsabilidade da Coordenação da FCMR junto com a equipe planejar, organizar e aplicar as formações sobre feira de ciências para os professores(as) da Rede em todas as instâncias já mencionadas. Aqui as coordenadoras serão conhecidas por nomes fictícios de peixes apreciados no cardápio dos roraimenses por seu valor nutritivo, sabor agradável e abundância nos rios da região.

¹ Rede Estadual de Ensino de Roraima e Secretaria Municipal de Educação de Rorainópolis-RR.

“Pescada”² indica uma mulher empoderada atuante nos espaços escolares da Rede e experiente na administração escolar. “Matrinxã”³ uma mulher determinada, no período da pesquisa atuava na Coordenação de Educação Física da Rede Municipal. São duas mulheres empoderada que desenvolvem um trabalho peculiar, e ao longo dos anos conquistaram seu espaço e respeito na Educação municipal de Rorainópolis.

Nessa viagem, as profissionais se movimentam de inúmeras formas para alcançar seus objetivos, uma realidade vivenciada também pelos professores, alunos e comunidades dos “Povos das Águas”, aquelas que vivem às margens dos rios e deles retiram sua subsistência. A metodologia parte da pesquisa participante e se propõe a discutir sobre o papel do pesquisador, seus lugares de trabalho, o papel dos colaboradores, interlocutores e as diferentes formas de saberes no sentido de que o participante se destaca pela relação estabelecida entre o trabalho de campo e as experiências entre seus pares.

De acordo com Gil (2008, p. 31), “tanto a pesquisa-ação quanto a pesquisa participante se caracterizam pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa”. A pesquisa participante é sem dúvida uma metodologia de pesquisa qualitativa de campo que assegura a coleta de dados a partir da participação direta do pesquisador vivenciando uma relação direta com o seu objeto de estudo, nesse caso os professores e alunos das escolas ribeirinhas. Assim, os dados coletados foram por meio da participação direta, durante todo o percurso da viagem a campo, visitação e análise dos projetos de pesquisa dos alunos(as) do 1º ao 5º ano da educação básica e suas respectivas apresentações.

A base teórica está ancorada nos estudos de Tardif (2002) e Nóvoa (2002) que destacam a importância da formação do professor para seu melhor desempenho em sala de aula e mediação do conhecimento. Diante do malabarismo enfrentado pelas coordenadoras e suas observações nos questionamos: como é possível realizar uma Feira de Ciências em meio a tantos desafios, e trazer aprendizagem aos alunos?

Nesse aspecto, é notório malabarismo que constitui o trabalho dos professores e das coordenadoras pedagógicas. Os desafios se manifestam a partir do planejamento da viagem com a saída de Rorainópolis, as práticas pedagógicas dos professores, a escolha da temática para elaboração dos projetos de pesquisa. Na verdade, é um desafio fora de rota, tanto para coordenação quanto para os professores(as) alunos e comunidades que ali experimentam o descaso, a distâncias, as águas, o difícil acesso, o isolamento, a falta de transporte terrestre e comunicação. Muitos docentes são inexperientes e precisam aprender na prática o exercício da profissão, sendo o planejamento, o trabalho com projetos e sequência didática o “calcanhar de Aquiles”.

Para Pescada e Matrinxã o desafio se interpreta no sentido de atender um extenso território atravessado por águas, florestas, viagens longas e cansativas, estradas de difícil acesso; um trabalho que se diria sofrido, sem remuneração compensatória. Além disso, não há políticas públicas que possam oferecer aos docentes: casa de apoio, infraestrutura nas escolas, geração de renda às comunidades, valorização da cultura considerando suas formas de vida, os espaços, a distância e os saberes histórico desses povos.

² Pescada branca (*Cynoscion sppé*) é um peixe popular dos rios da Amazônia roraimense. De carne branca e suave, agrada diferentes paladares não possuir espinhas, é um peixe de corpo alonga. Nome fictício da Coordenadora Geral da Feira de Ciências de Rorainópolis projeto aprovado pelo CNPq em 2018 e executado em 2019.

³ Matrinxã (*Brycon cephalus*) é um peixe de escamas apreciado no Estado de Roraima, possui corpo alongado, alto comprimido de cor brilhante, chegar a 80 cm de comprimento e até 5 Kg de peso a personagem é Coordenadora de Educação Física da Rede de Ensino de Rorainópolis.

Um olhar para as características dos povos ribeirinhos

Conhecer as principais características dos povos ribeirinhos dessa região, o isolamento, o anonimato é debruçar-se na obra de Cunha (2006, p. 25), quando expressa o significado do rio, seu valor cultural, social, econômico e político para seus habitantes, isso ultrapassa outros desejos das comunidades que vivem a sua margem:

Desordenado, e revoltado e vacilante, e destruindo, construindo e devastando, apagando numa hora o que erigiu em decênios – com a ânsia, com a tortura, com o exaspero de monstruosos artistas incontestáveis a retocar, a refazer e a recomeçar perpetuamente um quadro indefinido [...] tal é o rio, tal, a sua história: revolta, desordenada, incompleta. A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da colônia, as mais imponentes expedições e solenes visitas pastorais [...] para lá os mais venerados bispos, os mais garbosos capitães-gerais, os mais lúcidos cientistas.

Nessa região ribeirinha, os artistas são os sujeitos da pesca, os extrativistas do açaí, do buriti, da juta que utilizam a mãe natureza para aproveitar o que de melhor ela oferece a sua sobrevivência. O bispo se compara aos padres, pastores, a João Batista aquele que anunciava o Messias como missionário eterno. Esses buscam evangelizar e catequisar os povos ribeirinhos, estudar a Bíblia e buscar almas para levar ao reino celeste. O capitão é aquele que têm habilidade de conduzir a canoa e o barco nas águas revoltas dos rios. A canoa representa o leme, o remo direciona a inúmeros lugares onde as águas lhe permitem conhecer.

É também o transporte dos professores(as), do gestor escolar, do Coordenador Pedagógico dessa região longínqua do país. A cultura da canoa, do remo e do motor rabeta também são os instrumentos usados para pescar, passear, fazer matrícula dos alunos, visitar as famílias e saber notícias dos estudantes quando faltam as aulas esporadicamente.

As cientistas são às supervisoras e coordenadoras pedagógicas que fazem sua expedição periodicamente em busca de novas temáticas para formação continuada dos professores, acompanhando suas práticas pedagógicas e o ensino aprendizagem. As viagens longas, infames, compreende as desconstruções do pesquisador ao buscar vestígios para seu trabalho (pegadas, rastros, corpus, cheiro...) por terra, de barco, dormindo em rede amontoada e um barulho insuportável do motor rabeta.

É uma situação infame, o não reconhecimento do trabalho dos profissionais da educação dessa região, visto que se estende por anos sem perspectiva de melhorias estruturais nas escolas. “[...] O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras” (FOUCAULT, 2003, p. 206).

Assim, é a realidade desses profissionais ribeirinhos, ao que confere Foucault (2003) quando relatou seus sentimentos ao encontrar documentos tão raros na Bastilha francesa a respeito das vidas infames daqueles que foram silenciados em suas ações cotidianas, sem deixar expressividades, história de vida, e não se beneficiaram dos seus atos sufocados. “como se sufoca um grito, um fogo ou um animal por esganadura, procurei saber a razão pela qual se quis impedir com tanto zelo os pobres espíritos de passearem pelas estradas desconhecidas” (FOUCAULT, 2003, p. 204).

Esse é um grito, para mostrar o trabalho dessas profissionais que em nome da educação arriscam a vida, deixam a família para cuidar do outro, o aluno e o professor como agente mediador do conhecimento em tempos difíceis. Para Tardif (2002, p. 230), o professor é um sujeito capaz “[...] assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer proveniente de sua própria atividade e a partir dos

quais ele a estrutura e a orienta”. O autor concorda que diversos fatores interferem no trabalho do professor que por sua vez passa a realizar a função de coordenador pedagógico sem nenhuma formação para essa função. Portanto, é importante atentar para o exercício deste profissional, investir em sua formação, priorizar a construção de sua identidade profissional suas dimensões de poder-saber lidar com os desafios que envolve seu trabalho junto ao professor.

Segundo Nóvoa (2002, p. 40) “a formação continuada deve estar mais focada nos ‘problemas a resolver’ e menos nos conteúdos a transmitir”. Desse modo, é fundamental a coordenação pedagógica conhecer a ética pedagógica e focar no fortalecimento de seu trabalho para enriquecer as práticas do professor(a) que está em sua responsabilidade, na constituição do currículo, conhecer as leis, as dimensões, as competências gerais e usá-las em favor de boas práticas de ensino aprendizagem, já que a teoria constitui a prática e ambas caminham juntos para apoiar o trabalho em todas as áreas do conhecimento, pois nenhuma formação profissional pode se atuar pelo “senso comum”, achismo ou por anos de experiências, por mais significativas que seja, o exercício do magistério deve ser embasado em teorias seguras.

Aliado ao que se discute sobre o trabalho pedagógico Nóvoa, (2002, p. 48) garante:

É impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. Que importa, por isso, que os professores se preparem para um trabalho sobre si próprio, para um trabalho de autorreflexão e de autoanálise.

Tomar consciência e conhecer os teórico é fundamental no trabalho cotidiano da Coordenação Pedagógica, fortalecer as experiências e vivência escolar que cercam sua gestão, no poder-saber organizar, cobrar e discernir as necessidades, prioridades, emergências e ações que poderá facilitar não somente o serviço da Coordenação mas direcionar as práticas do professor e o índice do desenvolvimento escolar que também é alcançado a partir do planejamento, pois esse amplia o pedagógico e promove as experiências e aprendizagens.

É um instrumento direcional de todo o processo educacional, pois estabelece e determina as grandes urgências, indica as prioridades básicas, ordena e determina todos os recursos e meios necessários para a consecução de grandes finalidades, metas e objetivos da educação (MENEGOLLA; SANT’ANNA, 2001, p. 40).

Sem o planejamento é impossível alcançar os objetivos e metas proposta, já que tudo na vida requer esse instrumento como base; e na educação é a mola mestre que movimenta o processo de aprendizagem, um bom planejamento com flexibilidade contribui para práticas eficazes e seguras.

A viagem para realização da 1ª feira de ciência nas escolas dos Povos das Águas no baixo rio Branco

A viagem teve início com a saída de Rorainópolis no dia vinte um (21) de julho de dois mil e dezenove (2019) às 4:30min da madrugada empreendida com um grupo de cinco pessoas, Pescada, Matrinxã, o Gestor Jaú⁴, das escolas ribeirinhas, o motorista Jundiá⁵ da Secretaria de

⁴ O Jaú (*Paulicea luetkeni*) é considerado um dos maiores peixes de couro da bacia Amazônica, sendo um peixe de água doce muito apreciado no cardápio regional já que o peixe em geral é à base da alimentação dos ribeirinhos tanto pela facilidade como pelo paladar.

⁵ Jundiá (*Rhamdia quelen*) é um peixe de couro de água doce da bacia Amazônica de coloração acinzentada-escura e ventre branco e chega a pesar até 4 quilos. Disponível em: <https://www.cpt.com.br/artigos/peixes-de-agua-doce-do-brasil-piau-tres-pintas-leporinus-freiderici>. Acessado em 25 de fevereiro de 2020.

Educação, e um ajudante de serviços gerais. Destino, Novo Airão, cidade portuária do Estado do Amazonas para embarque com destino às Comunidades do baixo rio Branco, Jauaperi e rio Negro.

A viagem inclui entrega de merenda escolar, brinquedos, avaliação dos projetos da FCE, aplicação da Prova Diagnóstica aos alunos do 4º e 5º ano, teste de leitura com as crianças do 1º ao 3º ano, atividades recreativas desenvolvidas por Matrinxã, além das questões administrativas das escolas.

Entre a saída de Rorainópolis até Manaus, percorreu-se 500 km, e de Manaus ao Porto de Novo Airão mais 200 km, perfazendo um total de 700 km de estrada pela BR 174, seguindo a Rodovia 07 no Amazonas até a Rodovia 352, também no Amazonas, chegando ao destino final da rota terrestre no final do dia 21, quando embarcaram e pernoveram no barco Almirante Souza, contratado pela Secretaria de Educação para as viagens a região.

Desse modo, foi fundamental o planejamento para a realização dessa viagem, a partir do processo de organização desde a saída de Rorainópolis até a chegada a cada comunidade para o atendimento aos professores, alunos e comunidade.

É o planejamento geral que envolve o processo de reflexão, de decisões sobre a organização, o funcionamento e a proposta pedagógica da instituição. É um processo de organização e coordenação da ação dos professores. Ele articula a atividade escolar e o contexto social da escola. É o planejamento que define os fins do trabalho pedagógico (BRASIL, 2006, p. 42).

A imagem abaixo ilustra o barco saindo do porto de Novo Airão no Estado do Amazonas as sete da manhã do dia vinte e dois (22) com destino as comunidades já mencionadas carregado com a merenda escolar, material didático e outras mercadorias. O barco foi fretado para essa viagem pela Secretaria Municipal de Educação de Rorainópolis, já que por esse percurso a viagem se torna mais proveitosa e diminui a distância.



Figura 1: Barco Almirante saindo do porto de Novo Airão – **Fonte:** Arquivo pessoal Ana Paula, 2019

Uma viagem longa, que remete ao desconhecido, tornou tudo um movimento surreal, um nascer e pôr-do-sol nunca visto, a paz, as diferentes cores das águas, avançando pelo rio Negro, às margens da Floresta Amazônica durante todo o dia e noite, com chegada à comunidade Bela Vista, às oito (8) horas da manhã do dia vinte e três (23), quando teve início a visita pedagógica à Extensão da Escola Duque de Caxias localizada às margens do rio Jauaperi, composta por cinco alunos.

O professor não apresentou planejamento ou um projeto para FCE. Os motivos são os mais diversos: a rotatividade de professores, os desafios de sala de aula multisseriado, o isolamento, falta de orientação e acompanhamento pedagógico sistematizado e principalmente a necessidade de internet para efetuar as pesquisas. Situações que deixa o ensino defasado, picado, mas é aquilo que os professores podem oferecer de melhor, já que não existe um acompanhamento pela gestão da aprendizagem ou pela coordenação pedagógica de forma constante em função da distância e outros desafios que interferem no desempenho do trabalho pedagógico.

Segundo Piletti (2001, p. 73) o planejamento é à base do bom trabalho do professor independentemente da situação: “É a sequência de tudo o que vai ser desenvolvido em um dia letivo [...] É a sistematização de todas as atividades que se desenvolvem no período de tempo em que o professor e o aluno interagem, numa dinâmica de ensino-aprendizagem”. É importante que professor não se guie pelo livro didático, mas deve planejar suas atividades com segurança buscando fazer uso das competências e dimensões para promover o ensino aprendizagem e não improvisá-lo e trazer prejuízos aos estudantes e a sua profissão.

Solucionadas as questões da visita pedagógica à escola, realizou-se uma reunião com a comunidade, que solicitou melhoria na aprendizagem, estrutura da escola, pregos, óleo queimado, óleo dois tempos e gasolina para tirar madeira e construir um banheiro na referida instituição, fio elétrico para a instalação da bomba, telhas para a cobertura do jirau⁶ e um fogão a gás para o preparo da merenda escolar. Em meio a tudo isso, percebe-se o quanto as escolas são precárias e não estimulam os alunos e, principalmente aos professores, que na maioria das vezes fazem todo o trabalho da escola (merenda, limpeza e consertos junto com a comunidade).

O professor se sujeita a deixar a cidade, a família e viver no isolamento pela necessidade de trabalhar, e a Coordenação Pedagógica também exerce seu papel tomando consciência de suas obrigações itinerantes no sentido de contribuir com as práticas do professor e as mudanças no ensino da rede. No entanto, é preciso refletir sobre o pedagógico como um conjunto de ações que viabiliza as discussões nas mudanças de estratégias e postura do professor em relação ao planejamento escolar, efetivação das visitas pedagógicas que não atende à demanda e suas necessidades nas oito escolas da região.

À tarde do dia vinte quatro, o grupo chegou à comunidade do Itaquera, na escola Duque de Caxias às margens do rio Negro. Tudo estava preparado para a apresentação da pesquisa com o tema “O açai”, mais propriamente o caroço do açai. Um festival de produções, revestimento de cadeiras, ornamentação de garrafa pet e de vidro, quadros de animais da floresta Amazônica, “Puff” construído de garrafa pet e revestido com o caroço do açai. Um trabalho artesanal mas gratificante, que envolveu todo um processo de preparo da coleta ao tratamento dos caroços do açai (secagem, lixamento e envernizamento) para a utilização no revestimento dos objetos apresentados na figura abaixo. Um desafio para beneficiar esses pequenos caroços por meio da pesquisa.

⁶ Espécie de pia construída de madeira para lavar louça e outras utilidades.



Figura 2: Apresentação da Feira de Ciência Escolar. Escola Duque de Caxias

Fonte: Arquivo pessoal de Aline Freitas, 2019

As coordenadoras observam a necessidade de formação continuada dos professores, orientação, valorização da pesquisa pondo em prática a construção do projeto para a FCE. A temática da pesquisa faz parte da cultura ribeirinha, além disso, é uma maneira de trabalhar as experiências vivenciadas no cotidiano dos alunos, fortalecer as práticas pedagógica do professor, o econômico dos habitantes, sanar dúvidas e melhora as estratégias de organização do projeto saindo do pedagógico para o científico. Para quem está a quilômetros de distância, sem tecnologia digitais, acesso as redes sociais, ao *Youtuber*, sem contato com a coordenação pedagógica, isto foi um trabalho de fôlego, de experiência que fez os sujeitos ribeirinhos saírem do anonimato, considerando o malabarismo das coordenadoras para efetivação desse trabalho.

A realização da 1ª Feira Escolar de Ciências, na localidade do Itaquera, causou um verdadeiro afã, um grande movimento que levou meses para deixar todo material pronto até sua apresentação. Os professores estavam animados com as produções, os alunos nervosos, tímidos, limitados, e precisaram da voz de comando da professora Euci para iniciar seus discursos. Possivelmente esse comportamento se deu em função do primeiro contato com pessoas estranhas, diferentes de seu convívio social. Embora esse projeto não tenha participado da FCMR, mas deixaram registrado a pesquisa realizada pelos alunos da rede, valorizando a pesquisa e sua cultura.

Por esse motivo, entendemos que esse primeiro contato foi de suma importância para o desenvolvimento das atividades da 1ª FCE em dois mil e dezenove (2019) nas escolas do baixo rio Branco, ao qual foi um “sucesso”. Um malabarismo pode ficar na história da Educação de Rorainópolis para as próximas gerações, o exemplo do esforço, interesse e rompimento com as dicotomias que se impõem ao trabalho do professor todos os dias, principalmente quando se vive tão isolado de outras culturas, sendo o livro didático, a natureza as únicas ferramentas tecnológicas utilizadas em favor da pesquisa.

Encerrando as apresentações na escola Duque de Caxias o grupo seguiu viagem para a comunidade do Remanso às margens do rio Negro com a chegada no dia 25, às dez e trinta da manhã. Uma comunidade totalmente dentro d’água de correnteza forte, e uma relação de importância para os ribeirinhos que ali vivem. Um lugar que causa medo só em olhar o temporal, algo surreal e faz entender a realidade dos povos ribeirinhos, exatamente daquela

comunidade, o que justifica o registro de cada momento, ação dos alunos ao sair navegando em suas canoas coloridas e uma incrível habilidade no uso do remo.

Ali havia outro projeto de pesquisa com o tema “A escama do peixe pirarucu⁷”. Após as devidas orientações foi possível reorganizar o projeto, apresentar a pesquisa na Feira de Ciência Escolar e posteriormente na FCMR. Os alunos confeccionaram uma gama de acessórios, bijuterias, brincos, travessa, pulseiras, colares e tornozeleiras. A figura abaixo mostra objetos da pesquisa dos alunos da escola Mariza da Gama.



Figura 3: Pulseiras e tornozeleiras feitas com a escama do peixe pirarucu

Fonte: Arquivo pessoal Aline Freitas, 2019

Ainda foram produzidos abajur, chaveiros, lixas para os pés, o complemento veio dos materiais da natureza: sementes, fibras, cipó, envira, cabaça e as escamas do peixe usadas de forma artesanal pelos próprios alunos que desenvolveram todo um processo na confecção dos diferentes objetos. Um grito de criatividade usando a escama do peixe para lixa de unhas e a língua para lixar os pés, um malabarismo para produzir a pesquisa agregando ciência, conhecimento saberes e arte.

⁷ O pirarucu denominado cientificamente como “*arapaima gigas*” é um dos maiores peixes de água doce fluviais e lacustres do Brasil⁷. É também conhecido como bacalhau da Amazônia. Seu nome originou-se de dois termos indígenas tupis: *pira* “peixe” e *urucum* “vermelho”, devido à cor de sua cauda. É um peixe importante, presente nos rios da região, utilizado nos cardápios dos restaurantes e estabelecimentos de vendas de comidas populares da Amazônia sendo o prato mais apreciado o “pirarucu a casaca”. O peixe além de grande valor econômico e nutritivo pelo sabor, quando adulto varia entre dois a três metros de comprimento e pesa de 100 a 200 quilos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/pirarucu>.



Figura 4: Abajur feitas com a escama do peixe pirarucu – **Fonte:** Arquivo: Feira de Ciência, Aline Luanda, 2019

Desse modo, aconteceu a 1ª Feira de Ciências Escolar das comunidades ribeirinhas, um esforço conjunto para mostrar quanto se pode aprender com os ribeirinhos rio-branquenses, jauperienses, rio-negrenses e suas diversidades. Esse projeto foi credenciado para a feira municipal, quando os alunos, pais e professores fizeram o mesmo percurso das coordenadoras para chegar a Rorainópolis em 16 de outubro de 2019, e apresentar a pesquisa que, embora não tenha sido credenciada para a feira estadual, mostrou que os alunos e professores dessa região são capazes de produzir pesquisas interessantes.

Nesse contexto das águas, o rio e suas riquezas, motivam seus habitantes, e a floresta ali representa, animação, saberes, poder, socialização, cultura dos moradores, objeto que descreveu o escritor nordestino Euclides da Cunha (2006, p. 18), como algo que lava a alma, formoseia o rosto e traz vida abundante, felicidade e esperança a vida dos ribeirinhos: “[...] parecendo tatear uma situação de equilíbrio derivando, divagante, em meandros instáveis por que ainda não firmaram nos leitos”.

Assim, tateando, vivenciamos o malabarismo da coordenação pedagógica para mostrar o valor da pesquisa dos alunos e professores ribeirinhos, capazes de produzir riquezas e transformar suas experiências em ciências, considerando as águas um leque de oportunidades amazônicas que revelam arte, poesia, beleza, memórias e histórias de vida dos caboclos desse ermo lugar do nosso país que nem de longe imagina-se que existe.

Considerações finais

A visita deu-se por encerrada no dia vinte e seis (26) de julho, quando as coordenadoras retornaram em outro barco partindo de Santa Maria do Boiaçu ao município de Caracaraí.



Figura 5: Retorno barco cheio de redes lotado de passageiros
Fonte: Arquivo pessoal de Pescada e Matrinxã, viagem pedagógica 2019

O barco estava lotado com muitas redes armadas, umas por cima das outras, mercadorias diversas dos ribeirinhos para venda em Caracaraí e Boa Vista. Um percurso subindo o rio Branco deixando o cardápio de peixe e saladas feito por Matrinxã que presenteou a equipe com uma culinária deliciosa. Nada foi fácil, a trajetória da subida, a distância, as pesquisas dos alunos, o silêncio ao mesmo tempo que o barulho do motor incomodava a ponto de fazer qualquer humano perder o sono. A viagem pelas águas foi permeada pelo imaginário, curiosidades, histórias, causos, tensão, pois, o rio estava cheio e a escuridão aumentava o desejo de chegar ao destino final.

No dia vinte e sete (27) uma parada da meia noite às três da madrugada, para descanso do comandante. A chegada se deu no dia vinte oito (28), às 20h ao porto de Caracaraí. O malabarismo ainda não findara, o motorista Jundiá aguardava as coordenadoras. Destino! Rorainópolis, uma viagem de mais 200 km pela BR 174, chegada ao destino final a uma hora (1h) da madrugada do dia 29 de julho. Uma viagem de mais de três mil quilômetros para empreender um trabalho que produziu valiosos conhecimentos do início ao final do percurso.

A experiência mostra o quanto os professores ribeirinhos precisam de suporte pedagógico para desenvolver uma educação mais comprometida juntamente com as ações da coordenação e gestão da aprendizagem. Os políticos precisam de outros interesses que não sejam o eleitoreiro, mas priorizar a educação dessas comunidades isoladas com atenção básicas, políticas públicas, melhores escolas, professores mais preparados e acompanhamento mais direcionado as comunidades escolares, que vêm no planejamento uma perda de tempo e não um instrumento de aprendizagem dos alunos e facilidade de seu trabalho.

A difícil tarefa resultou nesse artigo e um relatório de viagem⁸ com vinte e quatro páginas com imagens que mostram a realidade das comunidades escolares apresentação dos projetos de pesquisa um mundo desconhecido cheio de surpresas, esperança, tradições e uma realidade que recusamos a esconder, mas compartilhar por meio desses registros solitários marcados por elementos indescritíveis, registrado na memória e levado na bagagem para além das outras belezas que quase fez as coordenadoras mudar de Rorainópolis para Itaquera, mesmo sufocando os modos de vida, os mosquitos, muriçocas, mutucas e o imenso rio que dar medo e admiração ao mesmo tempo.

Referências

BRASIL. *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: MEC, 2006.

CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. São Paulo: Martins Claret, 2006.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: MOTA, M. B. (Org.). *Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203-222.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANA, Ilza Martins. *Porque planejar? como planejar? currículo e área-aula*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NÓVOA, António. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. *Revista Educacion*, [n. p.], 2002. Disponível em: http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf. Acesso em: 14 dez. 2019.

PILETTI, Cláudio. *Didática geral*. 23. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Sobre a autora

Maria Clelia Pereira da Costa. Maria Clelia Pereira da Costa nasceu e viveu até os treze anos de idade na Floresta Acreana, na região de Valparaíso, Humaitá, atual município de Porto Walter, na localidade de Terra Preta... Filha de soldado da borracha o senhor Manoel da Costa e de Nazira Pereira, aprendeu muito cedo a conviver com os recursos da floresta, e usar as folhas das árvores como papel e os espinhos de taboca como lápis para escrever. Ao longo de sua caminhada muito lutou para chegar até aqui. Atravessou fronteiras, a exclusão da escola em função da pobreza, racismo e questões sociais. Pela resiliência hoje é Professora Efetiva da Rede Estadual de Ensino do Estado de Roraima desde 1991. Supervisora Pedagógica Efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Rorainópolis, atuando nas escolas da rede entre 2002-2013. Em 2021 tem trabalhado para construir a proposta Pedagógica da Educação Infantil da Rede Municipal de Rorainópolis. É graduada em Pedagogia, pela Universidade Federal de Roraima-UFRR (2001). Pós-Graduada em Educação Interdisciplinar pelo Instituto Cuiabana de Educação-MT (2003), Especialista em Gestão Escolar-UFRR (2010) e Especialista em Educação Infantil UFRR (2012). Mestre em Educação, título conferido pela Universidade São Francisco-USF Campus Itatiba-SP pela defesa da Dissertação em 15-02-2016, cujo

⁸ RELATÓRIO de Viagem: O malabarismo de duas coordenadoras pedagógicas para realização da 1ª Feira de Ciência nas escolas do baixo rio Branco – Rorainópolis, dezembro de 2019.

título é: Memórias dos pioneiros do projeto de assentamento dirigido Coronel Salustiano e Anauá: A Casa – Escola do Valentin Rorainópolis – RR (1975-1982. Doutora em Educação pela Universidade São Francisco-USF Campus Itatiba-SP Tese defendida em novembro de 2020, cujo título é: dizeres de (in)fâmia: história(s) da Escola José de Alencar – navegando pelas águas do rio Anauá, baixo rio Branco, Roraima, 1959-1982. Integrante do Grupo de pesquisa foucaultiana da USF.

E-mail: cleliasup@gmail.com.